

**O MAL-ESTAR DA ESCRITA NA ACADEMIA:
Reflexão acerca de aspectos coletivos do problema**

Esther Augusta Nunes Barbosa

Eduardo da Silva Teodoro

Resumo: O presente trabalho discute o mal-estar experimentado por estudantes de graduação e pós-graduação, especialmente na área das Ciências Humanas e Sociais, em relação à escrita acadêmica, muitas vezes percebida como uma tarefa desafiadora e de difícil execução. Tal percepção é sustentada por uma crença que individualiza o problema ao invés de promover uma discussão que o contextualize socialmente. Para tanto, discutimos os mecanismos de elitização da vida acadêmica e do afastamento da consolidação do ideal de produção puramente intelectual, afastada do campo material. Apresenta-se ainda o paradoxo de pesquisadores da área das Ciências Humanas e Sociais alimentar crenças e exigências no campo da escrita que contradizem o cerne da produção de seu conhecimento. Por fim, concluímos que a manutenção da elitização na produção de conhecimento reflete produz efeitos nocivos para a democratização do acesso e permanência dos pesquisadores, ao mesmo tempo que contribuiu para a manutenção do status quo de uma atividade intelectual pouco inclusiva.

Palavras-chave: escrita acadêmica; vida acadêmica; bloqueio de escrita.

Abstract: This work discusses the discomfort experienced by undergraduate and postgraduate students, especially in the area of Human and Social Sciences, in relation to academic writing, which is often perceived as a challenging and difficult task to execute. This perception is supported by a belief that individualizes the problem instead of promoting a discussion that socially contextualizes it. To this end, we discuss the mechanisms of elitization of academic life and the move away from the consolidation of the ideal of purely intellectual production, away from the material field. It also presents the paradox of researchers in the area of Human and Social Sciences having beliefs and demands in the field of writing that contradict the core of their knowledge production. Finally, we conclude that the maintenance of elitism in the production of knowledge produces harmful effects for the democratization of access and permanence of researchers, at the same time that it contributed to maintaining the status quo of an intellectual activity that is not very inclusive.

Keywords: academic writing; academic life; write block.

Introdução

Dizer que a vida acadêmica é repleta de desafios e angústias é uma afirmação aparentemente trivial e um clichê para graduandos e pós-graduandos. No entanto, esse lugar comum pode dar espaço a uma profunda reflexão sobre os atravessamentos sociais que vão da formação básica, passando pela graduação e se estendendo à construção do conhecimento. É possível desdobrarmos a reflexão para o lugar social que a academia ocupa em nosso país, o filtro socioeconômico invisível para ocupar tal espaço, a seleção racial tácita, além das questões relacionadas ao gênero. Diante desses desdobramentos, poderíamos afirmar que a reflexão acerca dos desafios e angústias da vida acadêmica, em alguma medida, é um recorte de privilégios. Debater o quão difícil é se tornar uma referência e se manter na academia é discutir com um pequeno grupo de privilegiados sociais, com sujeitos sociais que passaram pelo fenômeno de trãnsfuga de classe¹ ou de pesquisadores que conseguiram romper o funil que insistia em mantê-los fora deste sistema. Admite-se, portanto, que este texto não ignora toda a complexidade social que exclui diversos grupos da vida acadêmica e que em alguma medida debater os desafios e angústias da vida acadêmica é um privilégio para poucos sujeitos. No entanto, o fato de se tratar de um grupo social restrito (os acadêmicos) e pouco numeroso, trata-se das adversidades e dos sentimentos legítimos de um grupo que participa da construção e difusão de conhecimento no país.

Tratemos então, dentro deste recorte, de parte do que nos angustia enquanto acadêmicos e como tal sentimento aflora de forma diversa nos sujeitos. Inicialmente podemos questionar de modo comparativo: a vida acadêmica é desafiadora e angustiante para todos os acadêmicos na mesma medida? Provavelmente a resposta é: não, cada ser humano é único e os desafios encontrados no caminho impactam cada um de nós de forma diferente. No entanto, deixando de lado a reflexão acerca da individualidade humana e partindo para análise daquilo que temos em comum,

¹“O conceito é construído a partir do pressuposto de que é possível categorizar sociologicamente indivíduos que viveram uma trajetória caracterizada pelo deslocamento no espaço social. Tais indivíduos, segundo Pierre Bourdieu (2007), teriam em comum uma forma específica de organização de sua subjetividade. Por terem vivido socializações expressivas em contextos organizados por princípios sociais díspares, têm um sistema de disposições contraditório e clivado.” (Coutinho, 2015, p. 15).

enquanto comunidade a resposta continua sendo “não, pois a vida acadêmica impõe desafios distintos a cada grupo social que a experiência”. Pelos corredores falamos na ansiedade de entregar as produções exigidas em prazos cada vez mais curtos. Nas salas de aula ou em rodas de conversa não é incomum que o tema da saúde mental dos pesquisadores surja em meio a desabafos, frequentemente acompanhados por pedidos de flexibilização dos prazos ou do nível de exigência das entregas.

Aparentemente, a produção acadêmica nunca está pronta para ser entregue, nunca está acabada para a avaliação, está sempre imperfeita e incompleta. Mas, não é justamente essa uma das características fundamentais da ciência, a incompletude do conhecimento? Qual nível de exigência está sendo coletivamente exigida nas produções acadêmicas? Aquela que resulta na qualidade da produção e dos resultados alcançados ou a que quer a perfeição? A crítica está na base do pensamento científico, mas sofremos para produzir textos isentos de correções e no máximo conciliador com a tradição acadêmica estabelecida, em prol de evitar um parecer negativo dos avaliadores. Mesmo os acadêmicos comprometidos e implicados no trabalho acadêmico são orientados a evitar o conflito de ideias com os avaliadores. Por isso, muitas vezes, o momento da entrega do resultado da pesquisa, da avaliação da banca, da submissão dos artigos é um momento carregado de grande tensão, iniciada ainda no processo de construção do texto a ser entregue.

A produção científica, especialmente nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, são materializadas no texto escrito. É na escrita que apresentamos ao mundo o que temos feito nos programas de pós-graduação, é nela que consolidamos nossos dados, sistematizamos nossas análises e chegamos a generalizações que promovem um conhecimento novo e relevante para a sociedade e é com a escrita que nos apresentamos ao mundo como pesquisadores. Mas, enquanto apresentamos o que produzimos, resultado de anos de pesquisa e engajamento, na busca de promover benefícios para o conhecimento social, ignoramos aspectos da metapesquisa, das perdas e ganhos para pesquisa ao termos um pesquisador exausto e sobrecarregado.

A produção acadêmica nas Ciências Humanas e Sociais no Brasil

Os departamentos de Ciências Humanas e Sociais no Brasil são marcados especialmente por dois modelos de produção de conhecimento acadêmico ao longo da sua história, que nem sempre são apresentados como parte da metodologia, mas está implícito no texto escrito. De um lado, o modelo exegético interpretativo focado no autor, nas discussões de suas ideias e no contexto de sua produção e por outro lado pelo modelo argumentativo que se pauta na discussão de ideias e problemas. No modelo exegético, boa parte da escrita está direcionada em desvelar as camadas e nuances presentes na obra do autor. Nesse modelo, o conjunto da obra do autor faz diferença e muitas vezes busca-se estabelecer conexões entre as publicações e em outras dar coerência e consistência ao conjunto da obra.

O modelo exegético é comum nos estudos em Ciências Humanas e Sociais no Brasil e o pesquisador torna-se um especialista no autor e em suas problemáticas. Como aponta Sérgio Miceli (1995), o modelo interpretativo foi crucial para o desenvolvimento do pensamento social brasileiro marcado pela influência de teorias estrangeiras adaptadas e reformuladas para o contexto do Brasil, o que também estruturou a forma de produção do conhecimento. Nesse processo o modelo exegético interpretativo produz um pesquisador crítico que tem no autor um auxiliar para problematizar a sua própria realidade.

O modelo argumentativo se estrutura em debater e sustentar hipóteses baseando-se em outras posições e debates clássicos, muitas vezes para buscar um caminho médio na discussão e/ou defender uma posição em relação a outra ou ainda apresentar lacunas em certas formulações. O modelo argumentativo não se preocupa, em geral, com o autor e seu contexto de produção como também não se preocupa com o conjunto da obra, pois o foco está na força do argumento e seu papel no debate. Assim, aqueles que optam por trabalhar com o modelo argumentativo entram no debate de ideias e posições se especializando mais em um problema ou debate do que em um autor. Esse modelo de produção acadêmica é menos comum nos departamentos de Ciências Humanas e Sociais. Em muitos casos, também são feitos modelos mistos, no qual uma parte da escrita se pauta no contexto do autor e em interpretar suas ideias e em um segundo momento se tem o debate sobre as consequências de suas ideias para um debate mais amplo. Ambos os modelos também fazem uso de outras metodologias de pesquisas como dados e análises qualitativas e quantitativas entre outras.

Entretanto, tanto no modelo interpretativo exegético como no modelo argumentativo o pesquisador assume muitas vezes o papel de organizador das ideias sem aparecer no texto que produz. No modelo interpretativo exegético o pesquisador se dedica a explorar e interpretar os textos trabalhados o mais próximo daquilo que teria sido a intenção do autor, quanto de esclarecer os trechos e conectar ideias entre autores. Isso exige que o pesquisador se torne um especialista técnico com domínio dos conceitos chave, pressupostos, motivos e inspirações do autor. No modelo argumentativo, o pesquisador deve formalizar de modo mais claro possível, usando ferramentas da lógica e da argumentação, as ideias discutidas. Assim, ambos os modelos priorizam o caráter técnico formal da produção, mais do que de produzir um intelectual que tenha voz. O pesquisador é sempre alguém que não deve aparecer no texto e quando falar por si, deve ser respaldado por outro, um autor ou uma formalização. Como já apontava Renato Janine Ribeiro em 1999

Porém, o que desejamos? Será mesmo a inovação, a descoberta de novos caminhos? Se for isso, a via do enquadramento e da normatização dos nossos estudantes não é a mais adequada. Ela serve para torná-los sérios, cedo demais - e esse peso, essa gravidade, essa ponderação de *seniores* precoces se nota com tristeza, quando por exemplo, em filosofia, a discussão de ideias é substituída pela história da filosofia. Quando o que deveríamos priorizar seria apenas uma coisa: como aproveitar o que a pesquisa traz de bom, de inovador, sua capacidade de pôr em xeque. (Ribeiro, 1999, p. 193).

Esse processo de produção de especialistas técnicos que não podem aparecer gera um conjunto de inseguranças e incertezas sobre a capacidade de produzir conhecimento de forma autônoma. Essa dependência intelectual é uma característica da formação acadêmica brasileira que tem por base em sua formação superior pensadores estrangeiros como modelo de pensamento e uma rotina de construção do conhecimento que segue o ritmo de produção em larga escala de artigos. Assim, o pesquisador se vê pressionado a ter um rigor técnico formal e uma produção constante de material escrito para publicação, o que não está alinhado com o exercício da construção do conhecimento. Tal processo gera adoecimento mental e impacta na autonomia intelectual e formação de pensamento crítico para pensar os problemas e questões sociais da realidade brasileira.

O mal-estar da escrita na academia

O uso do termo “mal-estar” em nosso trabalho está calcado no capítulo “Os excluídos do interior” da obra “A miséria do mundo”. Este capítulo inicia da seguinte forma:

Falar como se faz em muitas ocasiões de "mal-estar nas escolas", como aconteceu em ocasião das crises de novembro de 1986, ou de novembro de 1990, significa atribuir um "estado" (de saúde ou de espírito) muito mal definido e identificado, a uma categoria extremamente diversificada e dispersa. (Bourdieu e Champagne, 1997, p. 480).

Como o próprio título do capítulo sugere, os sujeitos inseridos no sistema educacional, mas excluídos da fruição de toda sua potência incorrem em uma exclusão interna de difícil detecção. Bourdieu e Champagne (1997) debatem tanto a causa quanto o efeito coletivo desse fenômeno e explicitam como o mal-estar presente nas escolas não poderia ser explicado com base no fracasso individual do estudante, mas contextualizado e analisado localizado na estrutura social.

Tratemos um pouco sobre os desafios dessa escrita acadêmica, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais. Cruz (2015) faz uma crítica à ausência de literatura nacional que aprofunde o debate acerca das fragilidades da escrita acadêmica, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais brasileiras. O autor explicita que a produção acerca da temática no Brasil se limita aos aspectos de normalização técnica daquilo que seria aceitável nas academias. Tal limitação incorre na naturalização do entendimento de que os desafios de escrita são individuais e deveriam ser tratadas por cada sujeito, ignorando os problemas da organização social que também impactam nessa escrita. Cruz (2015), analisa o livro *Writing for Social Scientists: How to Start and Finish Your Thesis, Book, or Article* do sociólogo estadunidense Howard Becker, publicado originalmente nas décadas de 1970 e 1980 nos Estados Unidos da América e traduzido para o português apenas em 2015. Esse lapso temporal entre a publicação original e a tradução no Brasil, para o autor, seria mais uma evidência da descontextualização do debate nacional acerca do que estamos chamando de mal-estar da escrita na academia.

Becker denuncia em seu trabalho o que seria um pacto silencioso existente nos programas de pós-graduação em que se consolidaram práticas sociais nocivas à escrita de estudantes e professores. Rompendo esse pacto, Becker afirma que o que é considerado uma boa escrita tem mais relação com a manutenção de espaços de poder e hierarquia nas universidades do que com a capacidade individual do pesquisador. No que tange ao estilo de escrita o autor estadunidense afirma que existe uma falsa crença entre estudantes da pós-graduação de que escrever de forma rebuscada e de difícil compreensão para o público leigo seria essencial para produzir uma imagem pública de autoridade. Dessa forma, a capacidade de escrever de forma acessível passou a ser desvalorizada em detrimento de estilo rebuscado e pouco compreensível aos leigos, perpetuando a veneração deste tipo de escrita.

Como resultado dessa convicção, silenciosamente compartilhada na pós-graduação, encontramos muitos pesquisadores com o famoso bloqueio de escrita, alimentando o sentimento de inferioridade e incapacidade de utilização “adequada” desta ferramenta. As consequências desse cenário contrariam a natureza do campo de investigação das ciências sociais:

Becker alega que a organização social da escrita produziria um efeito paradoxal no interior das Ciências Sociais, posto que, ao tratarem a escrita como resultado de regras formais e de modos restritos de proceder na redação acadêmica, aqueles que têm como ofício justamente desvendar o caráter social de fenômenos vivenciados como naturais desconsiderariam que aquilo que está no cerne de seus ofícios, escrever, resultaria de condições sociais específicas e não de habilidade individual como um dom ou inteligência superior. (Cruz, 2015, p. 2).

O paradoxo do pesquisador da área das Ciências Sociais é ser capaz de analisar fenômenos sociais de modo a contextualizá-los, mas quando se trata de suas próprias angústias, ou de seus pares, a análise social dá lugar à naturalização do ofício, alimentando um sistema que já mantém em seu funcionamento estrutural tantos mecanismos de exclusão. O exercício da escrita não é e não pode ser tratado de forma deslocada à organização social no qual o pesquisador está inserido. Deve-se considerar o cruzamento entre a vida do pesquisador e seu ofício. Assumir a escrita como um trabalho material seria uma forma de reduzir o imaginário que mantém um ideal elitista de que a escrita é uma atividade puramente intelectual, reservada a poucos indivíduos com um dom natural (Cruz, 2015).

Assumir a escrita como um trabalho tanto intelectual quanto material seria um início de solução coletiva para o desafio que hoje muitas vezes é debatido como individual. Sendo compreendida como um trabalho, precisamos debater as condições sociais deste ofício, do tempo disponível e necessário para executá-lo, a remuneração pelo tempo dedicado e pelos resultados oferecidos, as condições de seguridade social para quem se dedica a este trabalho, dentre tantas outras nuances necessárias para que o pesquisador tenha condições de se dedicar ao ofício de escrever. Ampliar o debate acerca do mal-estar na escrita acadêmica nos oferece a possibilidade de debater a bolha social na qual a própria academia está inserida e os mecanismos de exclusão e democratização do acesso e da produção de conhecimento no país.

A escrita acadêmica e a presença do pesquisador

Dentre os diversos parâmetros e regras implícitas existentes na escrita acadêmica, encontramos a presença da voz do pesquisador como uma espécie de tabu entre os estudantes da pós-graduação. O debate acerca da neutralidade na pesquisa acadêmica já foi exaustivamente realizado e já é ponto pacífico que sua busca é uma ingenuidade contraproducente em nossa área. No entanto, a despeito do entendimento já consolidado de que a vida do pesquisador está entrelaçada na pesquisa realizada, frequentemente encontramos a voz passiva sendo utilizada como meio de ocultar o pesquisador, como se a sua ausência no texto conferisse maior credibilidade e refletisse uma suposta neutralidade no campo da pesquisa. Ademais, o reforço da escrita em terceira pessoa, por vezes incentivado nos programas de pós-graduação, na tentativa de promoção de impessoalidade e de distância em relação ao tema da pesquisa gera outro questionamento: o quão distante devemos nos manter do tema da pesquisa? O texto acadêmico tem seus limites determinados pelo próprio objetivo desta ferramenta, logo reforçamos que todo exercício reflexivo realizado neste texto tem como pressuposto o respeito ao rigor metodológico, a busca pela verdade, a seriedade e a ética que uma pesquisa acadêmica deve seguir.

Leite (2024), reflete sobre a coragem de escrever textos acadêmicos em primeira pessoa e seu exercício de encorajar seus orientandos no caminho de uma escrita mais autoral e mais experimental, sem negar os tensionamentos que essa escrita pode gerar na academia. Segundo a autora:

Essa ruptura gera empatia, aproxima aquele que escreve de uma ligação direta com o tema investigado, torna o texto acadêmico mais fluído e mais atraente para quem lê. E se pensarmos que o modo como escrevemos ou propomos a estrutura textual tem a ver também com o modo como construímos o pensar, veremos que o pensamento cada vez mais acontece por redes, fazemos links e links não cabem em caixas, em categorias, em gestos imparciais. Abrimos janelas para arejar o próprio pensar. (Leite, 2024, p. 3)

A aproximação com o tema investigado, refletido na escrita abre espaço para outra reflexão acerca da escrita e sua estreita relação com o processo de pesquisa. As diversas formas de coleta de dados que demandam a interação direta entre pesquisador e pesquisado é permeada por uma tensão implícita tendo de um lado o sujeito que vai expor voluntariamente parte da sua vida e de outro lado alguém que vai coletar a informação repassada, destrinchar, categorizar, analisar, registrar e divulgar suas conclusões acerca da narrativa do vivido pelo pesquisado. Nesse ínterim, entre o coletar e o divulgar, há de se fazer diversos exercícios para a produção de uma escrita ética, que não desumanize o sujeito pesquisado, que não reduza sua experiência às conclusões parciais do pesquisador, que não seja intermediada por terceiros e que não seja conduzida ou analisada pelo prisma enviesado das convicções do próprio pesquisador-escritor.

A relação entre pesquisador e pesquisado deve buscar uma escuta ativa e metódica, de modo que preserve as diferenças entre cada sujeito e o lugar que cada um ocupa nesta relação, mas permite ao pesquisador compreender as razões do pesquisado, sem precisar concordar com elas (Bourdieu, 1997). Essa escuta ativa para coletar os dados e informações necessárias à análise deve ser seguida pela consciência do poder que o registro de cada história possui em nossa sociedade. Desde as primeiras notas e registros, a escolha do que será inscrito e a partir de qual prisma será escrito também demanda um exercício ético e consciente acerca dos resultados que podem ser produzidos. Nesse sentido, o uso da voz passiva e da terceira pessoa no texto acadêmico para conferir distanciamento do pesquisador e uma ingênua credibilidade ao leitor pode gerar o apagamento da relação pesquisador-pesquisado construída ao longo do processo, impactando muitas vezes na transparência dos efeitos gerados. Na tese biográfica *Meu sonho era maior que eu: Biografia sociológica de uma trãnsfuga de classe*, Coutinho (2015), apresenta como a

relação que desenvolveu com a protagonista de sua análise favoreceu para a compreensão dos fenômenos estudados. Na tese, que utiliza diferentes métodos de coleta de dados, é possível compreender a vida de Juscelina bem como a presença da pesquisadora em todos os passos da pesquisa. Ainda nos agradecimentos, a pesquisadora afirma:

Se ainda se defende que a aproximação afetiva com o pesquisado influi negativamente na análise sociológica, eu afirmo que o conhecimento profundo da vida investigada só pode acontecer quando o pesquisador aceita ocupar o lugar daquele que também possui fragilidades, que acumulou erros ao longo da vida e que anseia entender o outro para compreender a si mesmo. (Coutinho, 2015, p. 5)

A aproximação afetiva exposta pela pesquisadora foi crucial para a construção da confiança e coleta dos dados necessários à pesquisa. A exposição de tal relação e sua influência no percurso metodológico seguido pela pesquisadora não poderia ficar claro ao leitor caso a opção de escrita seguisse os padrões técnicos exigidos tacitamente pela comunidade acadêmica. Embora o texto acadêmico tenha um público leitor específico, geralmente limitado a pesquisadores da área de conhecimento produzido, trata-se de um texto que terá circulação aberta e que pode trazer desdobramentos inimagináveis à vida do sujeito pesquisado. Dessa forma, uma escrita cuidadosa que preserve eticamente os sujeitos que doaram seu tempo e sua história ou perspectivas, portanto parte da sua vida, é uma obrigação do pesquisador-escritor. E devemos expandir essa compreensão ética do pesquisador para envolver o cuidado de si no exercício da produção de conhecimento. O processo do fazer ético é um exercício de autoconhecimento o qual se realiza na medida que é uma constante na vida dos sujeitos.

A reflexão sobre o agir ético do pesquisador não deve se limitar aos aspectos formais e legais vinculados aos programas de bolsas e departamentos, mas deve também considerar os desafios da produção do conhecimento e na constituição de uma sociedade que cuida de quem fornece elementos para sua melhoria e aperfeiçoamento. É compreender que a produção do conhecimento é uma atitude social que ocorre em um espaço institucional que deve constantemente rever seus espaços, a fim de proporcionar pertencimento para além dos compromissos formais.

Considerações finais

A produção do conhecimento é uma atividade humana que transforma vidas e sociedades inteiras, pois impacta diretamente na ordem estabelecida das coisas. Produzir conhecimento é entrar em crise, isto é, provocar cisões e conflitos no interior de temas e debates consolidados como instigar mudanças técnicas científicas e sociais. O conflito na produção do conhecimento é o processo mesmo da atividade intelectual, que deve ser estimulada e exercitada o quanto antes. O exercício da atividade intelectual exige uma atitude crítica que não está isenta de erros e revisões, mas isso não deveria ser um problema, pois faz parte do fazer científico. No entanto, há no interior dos programas de pós-graduação um fenômeno coletivo que contribui no que estamos chamando aqui de “mal-estar” da escrita na academia, alimentada por regras tácitas que desafiam e restringem a produção de conhecimento.

Os desafios da produção intelectual podem ser enumerados e categorizados sob diversos aspectos conforme tratado anteriormente, tais como: elitização e privilégio no acesso à academia; construção e manutenção de um imaginário acerca das condições para o domínio da escrita acadêmica; exigência invisível de uma construção textual que anula a presença do pesquisador escritor como produtor do conhecimento; adoção de réplicas de tradições em detrimento da construção de novos olhares para as áreas de conhecimento; análise de situações desafiadoras como um problema indivíduo, sem análise contextual do fenômeno; pelos prazos cada vez mais curtos que exigem que produção e publicação escrita, como resultado de pesquisas, seja realizada a toque de caixa; pela padronização estilística tácita, produzida por meio de uma cultura compartilhada entre os pares, ou explícita que muitas vezes não dialoga com o perfil do pesquisador que deve adequar seu texto aos padrões exigidos pelo programa a qual se vincula, às exigências do orientador da pesquisa pela ética, sobretudo em pesquisas que envolvem seres humanos vivos, que impõe ao pesquisador que encontre uma justa medida entre o que é fundamental ser escrito e aquilo que deve ser preservado no âmbito da confiança estabelecida entre participante e pesquisador; dentre outros desafios e intersecções que impactam os resultados e o processo de escrita.

Trata-se de um campo de conhecimento que demanda mais produção de pesquisa e análise de suas causas e efeitos na produção acadêmica. Desafiar a ordem que silenciosamente se instaurou na comunidade acadêmica e permitir a inclusão de novas formas de escrita abre espaço para o acesso e a permanência de novos grupos sociais e de novas formas de organização do pensamento, democratizando a produção de conhecimento no país.

O incentivo à autonomia intelectual, aos conflitos de ideias e ao compartilhamento de posições diversas devem se tornar a regra na produção do conhecimento brasileiro. Uma via para diminuir o mal-estar na academia deve vir de uma atitude compartilhada por todos envolvidos e se materializar em novas práticas institucionais. Todo o debate acerca dos desafios da formação intelectual brasileira, deve sair do lugar comum do debate e conscientização para um novo modo de agir. Compreendemos que o incentivo ao pensamento autônomo e crítico em nada diminuiu ou menospreza a importância do rigor e da responsabilidade com a produção do conhecimento. Esse processo pode, a médio prazo, aliviar o clima de pressão e tensão na produção acadêmica ao deslocar o foco no ideal de perfeição e acabamento para o processo social de construção do conhecimento que é resultado da criatividade e ocorre de modo gradativo.

Referências

Bourdieu, Pierre. Compreender. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

Bourdieu, Pierre; Champagne, Patrick. Os excluídos do interior. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 480-486.

Coutinho, Priscila de Oliveira. “**Meu sonho era maior que eu**”: Biografia sociológica de uma trãnsfuga de classe. 2015. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Tese_Priscila-de-Oliveira-Coutinho.pdf Acesso em: 01 out. 2024.

Cruz, Robson Nascimento. Becker e o silêncio sobre a escrita na pós-graduação: soluções antigas para o cenário brasileiro atual?. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, e167038, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30167038>. Acesso em: 10 out. 2024.

Leite, Amanda Maurício Pereira. Pesquisa acadêmica: a escrita na primeira pessoa do singular. **Transinformação**, v. 36, e246865, 2024. <https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e246865>. Acesso em: 10 out. 2024.

Miceli, Sérgio. **História das ciências sociais no Brasil**, v. 1. São Paulo: Sumaré/IDESP, 1995.

Ribeiro, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**; Rev. Sociologia. USP, São Paulo, 11(1): 189-195, maio de 1999.

Notas sobre os autores

Esther Augusta Nunes Barbosa, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Doutoranda e Mestre em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Faculdade de Educação da UFMG e Licenciada em História pela UFMG. Pesquisadora no Laboratório de Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão (LaPPEEI) da Faculdade de Educação da UFMG. Atuou como gestora pública em diversas áreas da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e leciona cursos de formação inicial e continuada na área da educação especial, políticas públicas em educação e educação e direitos humanos.

Eduardo da Silva Teodoro, Centro Universitário UNA

Mestre e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduando em psicologia pelo Centro Universitário UNA. Professor de filosofia, de projeto de vida e de humanidades no Ensino Médio na rede particular de ensino e na rede estadual de Minas Gerais. Área de atuação: Educação básica; Correlação entre Filosofia e Psicologia; Terapia Cognitivo Comportamental.